

O LUGAR DA LÍNGUA EMAKHUWA EM CONTEXTO SOCIAL DA CIDADE DE PEMBA-MOÇAMBIQUE: POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO À LUZ DE DOCUMENTOS OFICIAIS¹

Daniel Cadre Mitilage²

RESUMO

Moçambique, como a maioria dos países africanos, é um país que dispõe de uma vasta riqueza no que diz respeito a sociolinguística, mas na maioria das vezes tem visto as suas línguas locais ofuscadas pela língua oficial, que é o Português, consagrado como língua oficial, pela própria Constituição da República, que é a lei mãe que rege todo o sistema político, econômico/financeiro, educacional, comunicativo-social, entre outros. O problema de pesquisa deste trabalho é: qual é o lugar da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba? Levanta-se como hipóteses: (a) a língua Emakhuwa é umas das línguas mais faladas em Moçambique, possuindo vários dialetos falados em diferentes distritos e cidades. Sendo assim, o Emakhuwa possui um papel preponderante na transmissão da cultura, nas práticas religiosas e da evocação aos antepassados, nos ritos de iniciação que são parte integrante das culturas locais; (b) A língua Emakhuwa é bastante utilizada em campanhas eleitorais, porque é por ela que a mensagem dos candidatos consegue chegar ao eleitor, por mais que seja analfabeto; (c) língua Emakhuwa é a língua da maioria da população de Pemba, sendo usada no ambiente no doméstico em reuniões familiares e na criação dos filhos. Este artigo tem como objetivos gerais: problematizar e discutir o lugar da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba e na sociedade moçambicana. E como objetivos específicos: (a) analisar como é tratada a política linguística em Moçambique, (b) debater criticamente o tratamento das línguas bantu moçambicanas em relação à língua portuguesa e; (c) compreender o cumprimento dos direitos linguísticos no território moçambicano. A pesquisa é relevante porque problematiza o lugar da língua Emakhuwa, em todos os níveis de atuação e convivência na comunidade de fala. A Metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa quantitativa, e o instrumento de coleta de dados foi o questionário online (google forms) composto por 28 perguntas sendo 27 fechadas e 1 aberta. O questionário foi

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

² Graduando em Humanidades pela UNILAB.

respondido por 57 informantes, todos residentes na Cidade de Pemba. Desta pesquisa, conclui-se que o lugar da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba, não deve ser apenas nos mercados, parques de transportes rodoviários, nos ritos de iniciação, nas práticas religiosas, na transmissão da cultura, nas campanhas eleitorais, na comunicação com os vizinhos. Essa língua poderia ser língua de Ensino, de Justiça, desde que haja vontade política para sua oficialização. A língua Emakhuwa merece ter o direito de ter espaço em ambientes administrativos e escolares, por isso, a proposta da Educação Bilíngue em Moçambique é importante e urgente para que as línguas não se percam ao longo tempo. Para tal é importante que a política linguística moçambicana seja trabalhada de forma que essas línguas gozem dos seus Direitos Linguísticos, e que o processo de oficialização da língua Emakhuwa e das demais línguas bantu moçambicanas seja levado a sério pelos políticos e detentores do poder de decisão para que num futuro próximo possamos utilizar a língua Emakhuwa sem limitações.

Palavras-chave: língua emakhuwa; política linguística; Moçambique [Constituição (2004)]; planejamento linguístico.

UPIIHANO

Mossampike, ntoko elapo cikina co wa Afrika, eri elapo erina mipuho cinci cinari sa makhalelo ni malavulelo, masi venci wene, malavulo ala ankhala aputteliyaka ni eluuka eri ekunya, Ekkunya eluuka ethanli we ni elepiwe Nketteloni Yuulupale ya Mossampike wiira etthareli we ni, woolaphuliliya nmwe nkhanle epoliitika, m'maphwanyero wala n'nakosso, muussoliyani mpakha muulavulani. Ethamwalamwa ya nteko ula eniphavela ossomiya phiila: Eluuka ya emakhuwa erina mapuroni eparassa ya ophenpa? Cinooneliya ntoko macipwelo phiinya: (a) eluuka ya emakhuwa phiri yo wuulumiya venci nlaponi ya Mossampiki, ekhalanaka malavulelo oovirikana n'maparassa wala waparassa. Phimana aya, eluuka ya emakhuwa ehana efayita para othoonyera malamalelo, malepelelo minepa, mattharelo ettini wala makhalelo awa elapo. (b) Eluka ya emakhuwa enaatthumiriya mahiku ya mwaathanle, kontha nlattu wa eluuka ela, moolumo ya akhulupale anawakuva ocuweleliya ni pinaatamu pooti ahissome. (c) Eluuka emakhuwa phiri yo wuulumiya naatthu venci wa ipooma yova ophempa, enari yuulumiyaka vapuwani n'maphwinkoni wa amuci mpakha mananna owaakhalihera assaana. Massomeliyo ala aniphavale woomalelani: Ophwanha ethamwalamwa mpakha mapuro ya eluuka emakhuwa ophempa mpakha elapo yoothene ya Mossampiki. Maphavelo ootaphuleliya phaala: (a) ossoma

mananna anitafitiya eluuka nlapomi ya Mossampiki; (b) opaka mphwinko na nissomi ca eluuka ca elaapo ca likaniheriya wa eluuka ya ekunya, nto; ocuwelela mananna anetteliya exariya ca elluka nlaponi ya Mossampiki. Massomi ala ahana efayita nlattu anissoma mapuro anitthumiriya eluuka ya emakhuwa mapuro oothene anikhaliya wala anilavuliya yela. Mananna oosomeliya ola nteko ola ari maphimeliyo efayita ni, maphwanyero cilepihe, atthumiriye makohiyero apakiwe “online” ni ekaruma cinaacimiya (googleforms) cinarina cookohiya miloko miili na thanu na tthaaru caakawiye miloko miili na thanu na piili makohiyero oohitaphuleliya ni emoca yootaphuleliya. Cookohiya cicipwiye ni atthu miloko mithanu naathanu na eeli oothene akhalaka wa eparassa yo va phempa. Wuumalelani coossomiya, ihoneliya wira eluuka ya emakhuwa va pooma yo va ophempa, ehikhale pahi opacari, wala mapuko anisukiya ekaaro, Wala tho n’makomani awu la muuswalini, walaatho moosomihana elamalelo, n’mwaathanleni mpakha muulavunani naamwattamano. Eluuka ela, yaaniphwanela enari yoosomiheriwa, nxariyani, masi, yaaniphavela wira ahooledi alaphulele wira eluka yuulupale. Eluuka ya emakhuwa eniphwanela okhalana efayita ni mapuro amiteko npakha n’macikolani, thimaana, a nuulumo noocankela wira cissomiye eluuka coovirikana n’macikola co mossampiki ehana efayita ni etthumiriye nuwaakuva nto wiira malavulo ahirimele okathi onivira. Unaphavela ovarela nteko ekettelo co eluuka wira cennya citthumiri ehathuwa caya ni olaphuleliya mpakha olakeleliya wira cikhale eluuka cuulupale ecisseriye ni ewehiye saana naale ari anihimya olakelela elapo wira waholo nikhale ootthumiri eluuka ya emakhuwa woohikhottihya mapuro.

Moolumo-ofayita: eluuka ya emakhuwa; ekettelo ca malavulo; ekettelo ca elapo; Mossampiki.

1 INTRODUÇÃO

Falar de língua/línguas parece um assunto fácil e que talvez não mereça uma certa atenção especial, pois o ser humano tem feito o uso da língua no seu dia a dia para diversos fins, e às vezes, nem para refletir criticamente sobre a forma com que faz o seu uso. Segundo António (2021), a língua é o repositório das memórias oralizadas, escritas e, sobretudo, de imemorial relação com a nossa ancestralidade, e as manifestações linguísticas não ocorrem fora do território, do espaço, dos lugares, do cotidiano e, especialmente, dos sistemas culturais. O autor debate a relevância da língua para as sociedades ilustrando que a cultura é importante e está relacionada à língua.

A língua, sendo meio de expressão de ideias e pensamentos, vive e se desenvolve no seio social contribuindo para as relações comunicativas. Toda a sociedade humana possui uma língua, que na sua essência é abstrata e expressa por meio da fala, da escrita ou do sinal (para o caso das línguas de sinais). António (2021) nos leva a refletir criticamente a respeito não somente do uso da língua, mas do modo ou dos modos com os quais os seres humanos tratam a língua. Este artigo parte do princípio de que cada língua merece um tratamento igual em relação às outras, e que cada língua precisa ser aproveitada e usada para o exercício da comunicação assim como para outros fins, desde que seja do lugar em que as atividades decorrem.

As línguas são parte da cultura, porque é por meio delas que os seres humanos manifestam as suas tradições, crenças e compartilham traços culturais, principalmente na transmissão do conhecimento de geração em geração, daí que se pergunta: qual é o lugar da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba? A língua Emakhuwa é umas das línguas mais faladas em Moçambique, possuindo vários dialetos falados em diferentes distritos e cidades. Sendo assim, o Emakhuwa possui um papel preponderante na transmissão da cultura, nas práticas religiosas e da evocação aos antepassados, e nos ritos de iniciação que são parte integrante das culturas locais. A língua Emakhuwa é bastante utilizada em campanhas eleitorais, porque é por ela que a mensagem dos candidatos consegue chegar ao eleitor, por mais que seja analfabeto. A língua Emakhuwa é a língua da maioria da população de Pemba, sendo usada no ambiente doméstico em reuniões familiares e na criação dos filhos.

Este artigo tem como objetivos gerais: problematizar e discutir o lugar da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba e na sociedade moçambicana. E como objetivos específicos: (a) analisar como é tratada a política linguística em Moçambique, (b) debater criticamente o tratamento das línguas bantu moçambicanas em relação a língua portuguesa e; (c) compreender o cumprimento dos direitos linguísticos no território moçambicano. O artigo se justifica por se tratar de um assunto importante para a sociedade, porque a língua é um meio de comunicação indispensável para o ser humano.

A pesquisa é relevante porque problematiza o lugar da língua Emakhuwa, em todos os níveis de atuação e convivência na comunidade de fala. Muitos cidadãos não estão informados sobre os direitos linguísticos tal como preconiza a Declaração Universal dos Direitos.

Linguísticos (1996), que determina no artigo 9º que “todas as comunidades linguísticas têm direito a codificar, standardizar, preservar, desenvolver e promover o seu sistema linguístico, sem interferências induzidas ou forçadas”. As populações falantes da língua

Emakhuwa devem se orgulhar pela sua língua e estabelecer um conjunto de políticas para que as suas línguas sejam ensinadas e protegidas, apoiando a criação de dicionários e gramáticas.

Por não conhecer o lugar das línguas, cidadãos não gozam dos seus direitos linguísticos, nem procuram questionar por que a língua sofre preconceito, incluindo os seus falantes e seus dialetos. Trata-se de um tema com poucas referências bibliográficas e que busca valorizar as línguas locais em favor das suas comunidades. Joseph Ki-Zerbo (2006) não acredita que se possa alfabetizar os africanos sem recorrer as línguas africanas, porque às línguas africanas são línguas da interpretação do seu mundo e das relações das suas identidades. Ki-Zerbo acrescenta que “se recorrêssemos a essas línguas, poderíamos fixar-nos, como objetivo a médio prazo, assegurar a alfabetização total” (Ki-Zerbo, 2006, p.152). Com essas palavras o historiador africano chama atenção para a causa linguística como um elemento fundamental para o desenvolvimento endógeno.

Esta pesquisa vai despertar a necessidade da valorização da língua local para além da oficialização pelo menos no Município de Pemba por forma a que cidadãos possam se expressar livremente em todos os espaços sem limitação ou preconceito. A língua Emakhuwa não é inferior ao português, pois todas as línguas são relevantes para as comunidades que as falam. Pretende-se também sensibilizar as autoridades para o apoio à educação bilíngue que pode promover a língua autóctone. Sua relevância ocorre por proporcionar discussão entre académicos, por forma a que as línguas africanas sejam cada vez mais estudadas e descritas em trabalhos de conclusão de cursos. A UNILAB sendo uma universidade internacional é um espaço adequado para o debate aprofundado sobre as línguas africanas, o que pode promover a formação de quadros superiores que respeitem as línguas das suas origens.

O artigo está dividido em 4 sessões. Na primeira faz-se uma análise crítica da política linguística em Moçambique. Na segunda sessão a preocupação é voltada ao cumprimento dos direitos linguísticos em Moçambique. A terceira sessão debate de forma aprofundada a situação sociolinguística do território moçambicano. Busca-se dialogar com aspetos relacionados ao lugar da língua Emakhuwa na sociedade moçambicana, sendo não somente uma das “línguas nacionais” moçambicanas, título dado pela Constituição da República, mas também a língua nacional com o maior número de falantes no país, totalizando, assim, 26,4% da população moçambicana que tem a língua Emakhuwa como sua língua materna (INE, 2017). A quarta e última seção apresenta a metodologia e as análises que terminam com as considerações finais.

2 POR UMA ANÁLISE CRÍTICA DA POLÍTICA LINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE

Desde os tempos da expansão europeia, que culminaram em escravização e colonização de vários povos, desde África, América e Ásia, viu-se que continentes sentiram e ainda sentem os impactos da colonização em diversos níveis, seja política, económica, social, cultural e até linguisticamente, tendo suas estruturas desestabilizadas pelos governos colonizadores presentes nos seus territórios. Houve a abolição da escravatura, que se traduziu em abandono territorial dos lugares/países e ou continentes da parte dos colonizadores em relação as suas colônias, assinaturas e proclamação de independências de vários territórios que estavam sob o jugo colonial, mas verifica-se a presença do colonialismo e seus impactos no seio dos países ex-colônias e agora independentes, havendo interferência nos modos de governar, socializar, e na criação de políticas para diversificadas áreas. As línguas nacionais, regionais, provinciais/estaduais e municipais faladas nos territórios ex-colonizados, principalmente antes da colonização, foram e ainda são ainda uma das áreas mais afetadas e que ainda carregam a marca do jugo colonial, sofrendo imposições, alterações, desvalorização e apagamento como se não existissem (o lugar das línguas locais tem sido uma incógnita). Por isso mesmo, vários países africanos não oficializaram as suas línguas locais, e que há quem diga que o fato de os países africanos terem muitas línguas é um impedimento para essa oficialização, mas autores como Tamba e Timbane (2024) nos ajudam com essa questão mostrando que:

o multilinguismo é um fenômeno normal, de tal forma que se oficializarmos as diversas línguas africanas nos espaços onde elas ocorrem não haveria nenhum problema. A África do Sul (concretamente no Governo de Nelson Mandela) demonstrou claramente que a convivência de múltiplas línguas num mesmo país é de salutar, pois as comunidades reconhecem o poder das línguas e a sua relevância para a existência (Tamba; Timbane, 2024, p. 2).

Na citação acima, está bem claro que o multilinguismo não deve ser visto como um problema para a não oficialização das línguas locais dos países africanos, algo que causaria desentendimento ou atraso no crescimento e desenvolvimento de um país, porque é algo normal que não interfere nem prejudica no exercício das atividades políticas, económicas, religiosas, etc., das comunidades que as falam, mas o que acontece que é “a mesma ideologia colonial se manifestou no período pós-colonial, uma vez que as línguas africanas não foram tidas em conta” (Tamba; Timbane, 2024, p. 4).

As línguas africanas merecem o mesmo tratamento que as línguas europeias gozam nos países africanos, pois elas existem e é através delas que os africanos se comunicavam e

organizavam a sua vida social antes da chegada dos europeus com as suas línguas. É importante destacar que “as línguas surgiram juntamente com a humanidade” (Tamba; Timbane, 2024, p.3), o que quer dizer que as línguas europeias tanto as línguas africanas, não são uma mera invenção, não surgiram ao acaso, e assim merecem um tratamento igual sem discriminação nenhuma. Fica bem claro aqui que as línguas sempre acompanharam a humanidade e os seus falantes desde os tempos passados, muito antes da chegada dos europeus em África.

Assim, não devemos simplesmente ignorar o fato de que as línguas africanas sempre existiram desde que os povos africanos surgiram na humanidade, e essas mesmas línguas sempre os acompanharam na comunicação e nas suas atividades no meio da sua convivência no dia a dia, nem aceitar que as línguas europeias sejam as únicas línguas oficiais nos países africanos, pois isso é atribuir a elas um status de superioridade e de privilégios em relação as línguas locais e originárias do continente africano

Segundo Severo (2013) **política/as linguística/as** é um ato, uma prática de caráter estatal-legislativo, no que tange à materialização da oficialização de línguas, à escolha do alfabeto para a representação gráfica de uma língua, a hierarquização formal das línguas (línguas de trabalho, oficiais, nacionais etc.). Já o **planejamento linguístico** é a implementação das decisões sobre a língua através de estratégias (quando a autora fala de estratégias, se refere a políticas), como as políticas educacionais, com a finalidade de influenciar o comportamento dos sujeitos em relação à aquisição e uso dos códigos linguísticos. A Constituição da República de Moçambique de 2004, no seu artigo 9º declara que “o Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade”. No seu artigo 10º, declara ainda que “na República de Moçambique a língua portuguesa é a língua oficial”. Fica bem claro que aqui que as políticas linguísticas refletem muito naquilo que será o tratamento e organização linguísticas do país. Onde há falhas nesse quesito, muita coisa fica prejudicada. Mas também não basta ter a formulação das políticas, mas não aplicá-las na prática. Na constituição (2004) as línguas locais foram nacionalizadas e não oficializadas, o que já é um erro, pois poderiam ser também oficiais junto do português. O Estado moçambicano valoriza as línguas nacionais, mas não dá a elas o direito de estar na mesma posição que a língua portuguesa. É de criticar este ato, pois coloca acima a língua que não é origem africana/moçambicana acima das línguas bantu moçambicanas.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), declara que todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento

em todas as funções; cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora; todas as comunidades linguísticas têm o direito de organizar e gerir os seus próprios recursos, com vista a assegurarem o uso da sua língua em todas as funções sociais; todas as comunidades linguísticas têm direito a codificar, estandardizar, preservar, desenvolver e promover o seu sistema linguístico, sem interferências induzidas ou forçadas; Todas as comunidades linguísticas são iguais em direito

Esta Declaração considera inadmissíveis as discriminações contra as comunidades linguísticas baseadas em critérios como o seu grau de soberania política, a sua situação social, económica ou qualquer outra, ou o nível de codificação, atualização ou modernização alcançado pelas suas línguas; em aplicação do princípio da igualdade, devem ser tomadas medidas indispensáveis para que esta igualdade seja real e efetiva; no domínio público, todos têm o direito de desenvolver todas as atividades na sua língua, se for a língua própria do território onde residem, etc. Estes são alguns dos pontos que constam na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), que nos servem de apoio no desenrolar deste estudo. O seu cumprimento depende de vários fatores envolvidos, desde o posicionamento das autoridades estatais, leis e regulamentos internos nacionais, o que vamos ver mais adiante neste trabalho.

Timbane, Quebi e Abdula (2012) afirmam que: “em todo o mundo, as línguas desempenham um papel importante na comunicação. É através delas que se estabelecem laços de pertença étnica, política, económica ou cultural” (Timbane; Quebi; Abdula, 2012, p. 3). Para os autores, a língua desempenha um grande papel na humanidade, não só na comunicação, mas também na prática ou no exercício da política, algo indispensável para o ser humano. Logo, segundo os autores, se existe uma língua em um certo lugar, ela precisa ser explorada e não deixada de fora no exercício das ações dos habitantes desse lugar, ela deve estar incluída e se fazer sentir no seio das comunidades dos seus respetivos falantes, assim como afirma a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), acima citada.

2.1 O CUMPRIMENTO DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS EM MOÇAMBIQUE

Segundo De Paula e Quiraque (2017), na Constituição da República de 1990 assim como na de 2004, apenas houve a consagração da língua portuguesa como a língua oficial, mas não houve de forma explícita uma designação a respeito das funções das línguas consideradas nacionais, e que a própria constituição declara a sua valorização. Para os autores, esse fato permite e faz com que o maior número de pessoas, comunidades falantes dessas línguas que

não têm um alto domínio da língua portuguesa, sejam excluídas das atividades oficiais e da educação, trazendo perdas em todos os níveis ao governo, e principalmente a população moçambicana.

Partindo das análises acima, podemos ver que, a constituição da República de Moçambique (2004), sendo um documento que rege toda a população moçambicana, cidadão mais velho de Moçambique, as instituições públicas e privadas e muito mais, constata-se como o primeiro motor do não cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL), e consequente as autoridades e as comunidades privilegiadas, pelo simples fato de terem um alto domínio de fala e escrita na língua portuguesa, vão reproduzir o que a constituição declara, deixando assim marcas que revelam que não é de grande relevância o uso das línguas locais de forma oficial em atividades muito importantes, como jornalismo nacional que cobre informações de grande relevância (seja na Rádio e nos canais televisivos), na própria educação e nos diversos níveis acadêmicos presentes sistema de ensino em Moçambique. De Paula e Quiraque (2017) levantam questionamentos em relação a valorização e cumprimento dos direitos linguísticos em Moçambique.

Entretanto, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos - DUDL (1996), não fica de fora quando se trata do cumprimento dos Direitos Linguísticos em Moçambique. Ela declara que “todos os povos têm direito a exprimir e a desenvolver a sua cultura, a sua língua e as suas normas de organização e, para o fazerem, a dotarem-se de estruturas políticas, educativas, de comunicação e de administração pública próprias, em quadros políticos diferentes”.

No seu artigo 6º, a mesma Declaração exclui a ideia de que uma língua possa ser considerada própria de um território unicamente por ser a língua oficial do Estado ou ser tradicionalmente utilizada nesse território como língua de administração ou de certas atividades culturais. Em Moçambique, a língua portuguesa tem sido uma língua de privilégios, por ser considerada e consagrada pela própria Constituição da República (2004) como a língua oficial, o que sustenta a ação de desvalorização e pouca importância em relação as outras línguas locais de Moçambique.

Diante das declarações acima, podemos perceber que existe uma irregularidade no que tange ao cumprimento dos direitos linguísticos, quando um país não se empenha na íntegra para incluir e fazer o devido uso das línguas locais em setores de grande relevância no exercício das suas atividades oficiais, assim, excluindo-as e/ou não dando o seu devido valor (DUDL,1996).

A escolha da língua portuguesa como língua oficial não ocorreu por vontade da população, mas sim dos políticos que determinaram sem nenhuma consulta pública sobre o assunto. Isso significa que a imposição do português, primeiro ocorreu pela ideologia colonial,

e mais tarde (1975) pelos políticos. São os mesmos políticos que hoje recusam a oficialização das línguas bantu em contexto moçambicano. A oficialização das línguas bantu traria a autoestima, a revitalização e prestígio para os falantes. O atraso do desenvolvimento das línguas africanas foi e é engendrado pelos políticos moçambicanos, porque bastava uma emenda constitucional para incluir todas as línguas bantu como oficiais.

A oficialidade de uma língua dá poder, quer dizer, a língua oficial tem poder sobre aquelas que não são oficiais. Não é por acaso que a África do Sul oficializou 11 línguas (Inglês, Afrikaans, Ndebele, Pedi, Swati, Sotho, Tsonga, Tswana, Venda, Xhosa e Zulu), das quais 10 são de origem africana. Esta estratégia é importante porque os cidadãos podem utilizar a língua que desejarem nas províncias onde a língua é falada. Neste caso, a oficialização é do país, mas os usos dependem do interesse dos cidadãos e das províncias onde essas línguas são faladas. Moçambique poderia experimentar esta prática que não exclui, mas sim trata todas as línguas de forma equitativa e sem preconceito.

3 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE

Moçambique tem povos pertencentes a diversas etnias falantes de diversas línguas. A língua não é um mero instrumento de comunicação, mas também é marca de identidade de um povo. Por isso é necessário debater aspectos inerentes às línguas. As línguas se ligam à cultura oferecendo significados interpretáveis e compreensíveis pelos membros da comunidade. Para falar da situação Sociolinguística em Moçambique, vamos recorrer a pesquisadores como Ngunga e Bavo (2011), Timbane (2016, 2019, 2023), Timbane e Vicente (2017), Ngunga e Faquir (2012). De acordo com Timbane,

Moçambique é um país multilíngue, multicultural, cheio de crenças e tradições que guiam as regras de ser e de estar em sociedade. A diversidade linguística nunca constituiu um problema para os povos locais; ela é apreciada como elemento importante para a identidade étnica. Pela língua é possível identificarmos de onde a pessoa vem, qual é a sua etnia e em alguns casos é possível identificar o sobrenome (nome de família), saber de qual região provém, qual é a sua árvore genealógica assim como a história do povo a que pertence (Timbane, 2023, p. 2).

Segundo Timbane (2023), desde o surgimento da raça humana (humanidade), a África tinha um modo de organização, onde se encontravam agrupados em impérios, reinos e etnias, e eram usados vários idiomas que tinham e têm ainda uma relação direta com as práticas culturais. O autor vai ainda mais a fundo, afirmando que a mesma África que se encontra dividida em

países, ou seja, foi tirada a sua organização em forma de reinos e impérios para o modelo de países, e quem fez essa divisão foram os europeus, justamente na Conferência de Berlim de 1884/1885, e não houve nem se quer uma ação de consulta aos habitantes e povos nativos da África ao se planejar e materializar essa noção de país/países que se introduziu no seio africano.

Um fato importante que o autor não deixa passar é que: o ecossistema linguístico dos africanos não incluía o conceito “país”. O autor defende que a Partilha da África realizada na Conferência de Berlim de 1884/1885, não respeitou as línguas, não considerou os grupos étnicos nem se quer as culturas, e por essa razão os povos africanos foram divididos por limites e fronteiras geográficas artificiais, mas não respeitando os fatores linguísticos.

Em Moçambique, a língua oficial é a língua portuguesa, e não restam dúvidas em relação a esta afirmação, pois vimos que na Constituição da República de Moçambique de 2004 (Art. 9º), essa é a língua consagrada como a oficial. É de grande relevância para nós, mostrar quais são e quantas línguas são faladas em Moçambique. Mas Timbane e Vicente (2017) na sua obra “O Plurilinguismo em Moçambique: debates e caminhos para uma educação inovadora”, vão nos mostrar que não é uma tarefa fácil responder categoricamente sobre quantas línguas são faladas em Moçambique, sem recorrer a estudos publicados, pesquisas, debates e consensos realizados, entre moçambicanos e africanos do mundo, reunidos em Seminários sobre as Línguas Bantu (LB) maternas.

Entretanto, conforme Ngunga e Faquir (2011) 17 línguas encontram-se padronizadas, sendo elas todas do grupo bantu, um resultado do trabalho realizado no III Seminário de padronização ortográfica, em setembro de 2008. E as 17 línguas padronizadas são: Kimwani, Shimakonde, Ciyaawo, Emakhuwa, Echuwabu, Einyanja, Cinyungwe, Cisená, Cibálke, Cimanyika, Cindau, Ciwute, Gitonga, Citshwa, Cicopi, Xichangana e Xirhonga. É importante considerar que “não é pelo fato de não terem sido padronizadas que as outras línguas não existam. Elas existem, são faladas por populações no cotidiano, mas para o seu reconhecimento pela política linguística é necessário que tenham dicionário, ortografia padronizada e gramática escrita” (Timbane; Vicente, 2017, p. 5).

Para Timbane e Vicente (2017) apesar da padronização dessas 17 línguas, verifica-se um aumento ou crescimento do número de falantes da língua portuguesa e um decréscimo das línguas locais. Os autores apontam como uma das causas de isso acontecer, a **política e planejamento linguísticos** que privilegiam a língua portuguesa em relação às restantes línguas locais, dando um status de superioridade à língua portuguesa e de inferioridade a essas línguas.

Com relação à África do Sul que tem ainda a língua inglesa como uma língua oficial e ainda tem outras línguas nacionais/locais que também são oficiais, mas nem o inglês nem as

outras línguas nacionais/locais oficiais desmerecem o lugar de cada uma delas, todas desempenham o mesmo papel e têm os mesmos direitos, não inferiorizando nenhuma língua declarada oficial, um caso bem diferente do que acontece em Moçambique, que a língua portuguesa tem um *status* maior e de privilégios no seio do povo moçambicano.

Os autores, discutindo a respeito do caso sul-africano, afirmam o seguinte: é que as políticas linguísticas colocaram as línguas africanas no mesmo patamar que a língua do colonizador (o inglês) e essa política resultou na valorização das línguas africanas (Timbane; Vicente, 2017, p. 6). Existe e verifica-se na África do Sul, o cumprimento na prática, dos direitos linguísticos nas políticas e no planejamento linguísticos, caso muito contrário em Moçambique. A seguir, a tabela 1, nos mostra a posição da língua portuguesa em relação às outras línguas africanas de Moçambique e os espaços (rural e urbano) onde são faladas.

Tabela 1 - Recenseamento Geral da População - Moçambique 2017

Línguas	Língua Materna			Língua falada com mais frequência em casa		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
N	22 243 373	7 502 906	14 740 467	22 243 373	7 502 906	14 740 467
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Português	16,7	39,2	5,2	16,9	42,8	3,7
Emakhuwa	26,4	19,6	29,8	26,6	19,5	30,2
Xichangana	8,7	11,3	7,3	9,0	11,9	7,5
Elomwue	7,2	2,7	9,5	7,3	2,5	9,7
Cinyanja	6,9	1,3	9,7	7,1	1,2	10,0
Cisena	7,1	5,2	8,1	7,0	4,7	8,1
Echuwabo	4,8	3,3	5,5	4,5	2,3	5,6
Cindau	3,8	1,7	4,8	3,7	1,3	4,9
Xitswa	3,8	3,0	4,2	3,5	2,2	4,2
Mudo1	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0
Otras línguas moçambicanas	13,2	11,0	14,4	13,3	10,1	14,9
Línguas estrangeiras	0,5	0,7	0,4	0,4	0,4	0,4
Desconhecida	0,9	1,0	0,9	0,9	1,0	0,9

Fonte: INE (2017, p. 25).

Podemos assim ver que a língua portuguesa não é a língua materna da maior parte da população moçambicana, é a língua que politicamente deve ser usada em todo território moçambicano, devido às políticas linguísticas que a privilegiam e dão a ela o status de superioridade, sendo assim a língua “perfeita” e sem restrição de fala e uso em Moçambique. A maioria dos falantes da língua portuguesa localiza-se na zona urbana (39,2%), enquanto as restantes línguas africanas são faladas na zona rural. Com relação à língua portuguesa falada em casa, os dados mostram que apenas 3,7% dos moçambicanos utilizam-na em casa na zona rural. As outras línguas bantu moçambicanas não citadas no quadro totalizam 13,2% e que elas são mais faladas nas zonas rurais. Este quadro mostra que a língua portuguesa nas zonas rurais é falada por obrigação e não por vontade dos cidadãos. As pessoas priorizam mais as línguas

africanas. Já nas zonas urbanas a tendência é de aumento dos falantes de português pelo fato de ser língua de ensino e das oportunidades.

Os dados recebidos pelo INE são incompletos, pois não oferecem informações claras sobre: a) as línguas africanas faladas em Moçambique; b) as tais línguas desconhecidas; c) os falantes da Língua Moçambicana de Sinais (LMS); d) as línguas estrangeiras. Esta atitude camufla a realidade Sociolinguística. Não existem línguas “desconhecidas” em Moçambique. Só existem línguas que não foram recenseadas. Se não se pergunta qual a língua a comunidade fala, essa língua se tornará “desconhecida”. Quando o Estado e o Governo não sabem quantas línguas e onde são faladas como é vai se estabelecer políticas para a preservação dessas línguas? Por outro lado, como o Estado vai materializar o Artigo 10º da Constituição de 2004)? Isso é grave e preocupante se entendermos a língua como parte da cultura e das tradições dos povos de Moçambique.

Por outro lado, o INE coloca a LMS como língua “mudo”. Não existe língua “mudo”, mas sim LMS reconhecida pelos acadêmicos. Trata-se de uma língua de sinais completa com toda a estrutura linguística semelhante às línguas orais. As línguas de sinais têm fonética e fonologia, tem morfologia e sintaxe, tem semântica e pragmática. A LMS merece o seu devido espaço na sociedade moçambicana havendo necessidade de intérpretes de sinais nos hospitais, nas esquadras, nos Ministérios, nas escolas e em todos os espaços da vida em sociedade.

Moçambique faz fronteira com cinco países. Por isso algumas línguas dos países vizinhos são faladas no país. É o caso de Isizulu, Isiswati, swahili, Cishona entre outras. Nas regiões de fronteira entre Moçambique e outros países vive-se uma mistura de línguas, o que não pode ser encarado como negativo. Nesses espaços há interferências linguísticas que tornam as línguas mais desenvolvidas. De lembrar que as fronteiras linguísticas são diferentes das fronteiras políticas. Por exemplo, uma língua do Sul de Moçambique como xichangana é falada em três países: África do Sul, Eswatini e Zimbabwe. Até é língua oficial nesses países. Esse dado mostra como as línguas extrapolam os limites políticos. Desta forma entendemos que as línguas bantu de Moçambique também poderiam ser oficiais. O caso sul-africano, é um exemplo vivo de um país africano, e ainda vizinho de Moçambique, com políticas e planejamento linguísticos que não desvalorizam nenhuma língua, mas sim, dão a elas o direito de lugar de existência no país.

4 O LUGAR DA LÍNGUA EMAKHUWA NA SOCIEDADE MOÇAMBICANA

A língua Emakhuwa é falada em 5 províncias em Moçambique que são: as províncias de Cabo Delgado, Nampula, Niassa (Cabo Delgado, Nampula e Niassa são províncias da Região Norte de Moçambique), Zambézia e Sofala (ambas fazem parte da Região Centro), que juntas somam um total de 26,4%, sendo 19,6% na zona urbana e 29,8% na zona rural. Esta língua é falada com mais frequência por 26,6% da população total (c.f. tabela 1). Isso mostra que a língua Emakhuwa é a língua com o maior número de falantes em Moçambique, com um universo de variedades e sotaques, mas os falantes dela se compreendem perfeitamente, independente da província em que se encontrem.

Segundo Ngunga e Bavo (2011), a língua Emakhuwa é utilizada em conversas e encontros entre amigos, nas missas em Igreja e mesquitas, em encontros e conversas familiares, em reuniões cuja a sua participação envolve famílias, amigos ou mesmo um certo número de habitantes de uma comunidade com a finalidade de tratar assuntos do seu interesse sem a interferência de entidades políticas ou administrativas, e também o uso dela é notório em chamadas (comunicação oral) feitas pelo telemóvel e não na escrita.

Podemos observar que existe um domínio considerável da língua Emakhuwa nos contextos acima citados, mas uma das coisas que chama atenção é o uso dela somente entre familiares, amigos, reuniões entre a comunidade, nas Igrejas e Mesquitas, mas sem envolver as entidades públicas ou administrativas, porque isso faria com que houvesse a mudança de Emakhuwa para a língua portuguesa, principalmente por se tratar de uma língua que foi reconhecida constitucionalmente como a língua que deve ser usada em atividades oficiais governamentais e administrativas, fazendo com que as pessoas olhem a língua portuguesa como a língua que deve ser somente usada quando se tem a presença envolvida das entidades administrativas e políticas, mesmo quando existe um domínio de fala da língua Emakhuwa no seio dessas entidades. Isso mostra que o povo se vê obrigado a usar a língua portuguesa, mesmo quando não é necessário o seu uso. Ngunga e Bavo (2011), nos mostram que as línguas nacionais moçambicanas são usadas principalmente em contextos tradicionais, as quais não envolvem as entidades administrativas e políticas.

Para Ngunga e Bavo (2011), a língua portuguesa tem mais domínios na sociedade moçambicana, os quais são: **Administração, familiares, amigos, missa/as, computador, reunião** assim como no **telemóvel** por via oral. O fato de os autores terem mencionado esses domínios, não significa que não haja outros em que podemos ver a presença da língua portuguesa, sendo que ela é constitucionalmente a língua que deve ser usada em quase todos os

contextos. Para os autores, “os falantes da língua portuguesa são os únicos que dispõem de uma língua capaz de ser usada, sem nenhuma restrição, em todos os domínios desde a administração até aos círculos de amigos” (Ngunga; Bavo, 2011, p. 27).

4.1 NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Quanto à comunicação **social**, segundo Ngunga e Bavo (2011) a língua Emakhuwa é usada na **Rádio**, no **Telemóvel** (nas operadoras telefônicas) somente via oral, na **Televisão** ainda não é usada a língua Emakhuwa, pois a língua usada nesse meio de comunicação é a língua portuguesa, e no **Jornal** ainda não é usada a língua Emakhuwa (não há artigos impressos na língua Emakhuwa, tudo é escrito na língua portuguesa).

4.2 NA EDUCAÇÃO E LITERATURA

Indo para a **Educação e Literatura**, conforme Ngunga e Bavo (2011), a língua usada é a língua portuguesa, dominando fortemente. Para os autores, os materiais usados nessas áreas são: livros de leitura, gramática, dicionário, livros infantis, glossário, livros religiosos e outros, são escritos na língua portuguesa, a língua Emakhuwa não tem uma presença na escrita nessas áreas, mas os autores vão mostrar que:

Todavia, embora não oficialmente, no ensino primário, as línguas moçambicanas são muitas vezes usadas como recurso, quando a comunicação entre o professor e os alunos fica bloqueada por razões linguísticas. Isto é, contrariando aquilo que a nível da escola se julga ser politicamente correcto, a proibição do uso das línguas maternas dos alunos, os professores usam essas línguas quando acham esgotados todos os recursos linguísticos para explicarem as matérias em Português (Ngunga; Bavo, 2011, p. 29).

Sendo assim, podemos perceber sem nenhuma dúvida, que são as autoridades políticas que insistem que seja considerado que a língua correta e que melhor dispõe de recursos para o ensino nas escolas do território moçambicano é a língua portuguesa, o que nos leva a refletir sobre o poder e a influência do colonialismo mesmo depois da libertação nacional de Moçambique. Conseguimos aqui entender que mesmo com essa insistência política favorecendo a língua portuguesa, há casos e situações em que há choques por não haver compreensão linguisticamente, comprovando que por mais que as línguas locais não sejam politicamente oficiais, elas desempenham inúmeros papéis mesmo no sistema nacional de ensino, facilitando assim o processo de aprendizagem.

4.3 NA JUSTIÇA

Em relação a justiça, Timbane (2016) defende que a sede pela justiça é algo que é constante em todas as sociedades, e que o Homem sempre procurou a justiça, seja ela tradicional ou moderna, com a finalidade de fazer dela o lugar ou meio de resolução do que são os seus problemas e conflitos de toda ordem. Sendo assim, entende-se que não importa o lugar, sociedade ou país que seja, a sede pela justiça é algo que sempre acompanhou o ser humano, pois através da justiça, pode resolver as coisas de forma justa, honesta e lícita.

No caso da justiça moderna, a polícia é sempre o garante da lei e da ordem públicas e, assim, há uma necessidade constante de aperfeiçoamento. As instituições de formação policial constituem um espaço adequado para a troca de conhecimentos que visam o melhoramento da atividade policial. Por outro lado, Moçambique é um país com muitas línguas e cada região tem a sua língua. A maioria da população moçambicana é analfabeta e não conhece a língua oficial. Mesmo os poucos alfabetizados não possuem conhecimentos linguísticos suficientes que lhes permitam discutir profundamente em português. Na justiça tradicional, a língua oficial é uma das línguas bantu moçambicanas e na justiça moderna a língua social é apenas português (Timbane, 2016, p. 2).

O autor mostra que a língua usada na justiça tradicional não é a mesma usada na moderna, sendo a língua oficial escolhida para ser usada, uma das línguas locais de domínio da comunidade local em que ocorre o processo da justiça, mas diferentemente do que acontece na tradicional, na justiça moderna somente o português é a língua oficial e que vai dirigir o processo da justiça moderna, mas nem toda a população moçambicana tem o domínio de fala e compreensão da/na língua portuguesa que é a oficial, mas a maioria da população não possui suficientemente conhecimentos que a permitam discutir e debater na língua portuguesa profundamente.

Timbane (2016) defende que a linguagem é algo complexo, carregando assim significantes e significados que vão diferir de cultura para cultura. Mas por causa ideia de “unidade nacional” através da língua oficial, ou seja, a língua portuguesa, promovendo a falsa ideia de que há compreensão, harmonia e unidade por intermédio dela, por ser uma língua que por lei é oficial e deve ser usada em todos os âmbitos no território nacional, Timbane traz críticas e afirma o seguinte:

há quem possa entender que a investigação criminal, por exemplo, não tem necessidade de intérprete uma vez que a “unidade nacional” permite que nos entendamos e compreendamos mutuamente. A justiça valoriza a interpretação no julgamento porque está estipulado na lei (art.235º, do Código do Processo Penal, 2015), mas não no nível da esquadra. Se todo o processo inicia na esquadra com o

Oficial de permanência quando anota a queixa/denúncia, se a língua está intimamente ligada à cultura do sujeito, então como o suspeito/acusado consegue se defender em situação da justiça utilizando uma língua diferente? Avança-se a hipótese de que os suspeitos/acusados não percebem o perigo que incorrem ao tentarem se explicar ou esclarecerem fatos à polícia utilizando uma língua desconhecida (Timbane, 2016, p. 2).

Assim, percebemos que essa ideia de a língua portuguesa ser a língua da “unidade nacional”, mas que o uso das outras línguas locais, dentre elas, Emakhuwa, Changana e outras línguas bem conhecidas e que foram padronizadas, traria divisionismo no seio dos moçambicanos, tem suas contradições, até porque o exemplo da vizinha África do Sul, que oficializou não só a língua inglesa, mas também outras línguas do território sul-africano, contraria essa ideia de que ter só uma língua oficial traria/traz unidade nacional. As políticas e planejamento linguísticos moçambicanos continuam favorecendo a língua portuguesa mesmo na Justiça, um setor em que se espera mais justiça na prática. Verifica-se que não há valorização das línguas locais de Moçambique, pois valorizar algo significa dar o seu devido valor na prática.

4.4 NA POLÍTICA

Em relação à área da política, Ngunga e Faquir (2012) nos mostram que as línguas moçambicanas têm a sua presença notável naquilo que são os discursos políticos, mas com maior frequência no período de campanhas eleitorais. Os autores mostram que as línguas moçambicanas são “valorizadas” nos discursos políticos e nas campanhas eleitorais, mas quando são outros momentos em que a política se manifesta, essas mesmas línguas têm o seu apagamento, como se não fizessem parte de Moçambique e fosse impossível fazer-se política em línguas locais. Assim, os mesmos políticos que as usam nos discursos políticos e nas campanhas eleitorais, são os que as desvalorizam após conseguir os votos e serem eleitos. Nenhuma língua bantu moçambicana escapa disso, mesmo a língua Emakhuwa, a qual possui a maior percentagem de falantes no país. É de questionar e criticar qual é lugar da língua Emakhuwa e das outras línguas locais de Moçambique, diante de um cenário em que se usa as mesmas línguas desvalorizadas, para tirar proveitos políticos, como se elas só servissem para discursos políticos nas campanhas eleitorais.

4.5 NA RELIGIÃO

Quanto à Religião, Ngunga e Bavo (2011) a língua Emakhuwa, também é usada em encontros e reuniões nas missas de Igrejas e Mesquitas. Porém, Ngunga e Faquir (2012) vão ainda mais à fundo, mostrando que as línguas moçambicanas são também usadas na tradução bíblica, em catecismos e em outros documentos religiosos, isso desde o tempo colonial. Na atualidade, as Igrejas preferem a língua do povo para “passar a boa nova”, por forma a que os crentes possam entender a mensagem religiosa. As igrejas católicas e islâmicas ainda preservam o português e o árabe, respectivamente, pelo fato de serem conservadoras.

4.6 NA SAÚDE

Em relação à saúde, nos apoiamos na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) no seu Art. 16º, que nos diz que “todo o membro de uma comunidade linguística tem direito a exprimir-se e a ser atendido na sua língua, nas suas relações com os serviços dos poderes públicos ou das divisões administrativas centrais, territoriais, locais e supraterritoriais aos quais pertence o território de que essa língua é própria”, para dizer que o lugar da língua Emakhuwa e das outras línguas locais na saúde também depende do cumprimento dos direitos linguísticos em Moçambique, ficou bem claro que as comunidades linguísticas têm o direito de serem atendidas na sua língua, isto é, na sua língua de domínio, nos serviços públicos do país, o que nos leva a encaixar os serviços públicos da Saúde em Moçambique, serviços indispensáveis para o tratamento e combate a doenças que afetam o ser humano. As línguas precisam ser valorizadas pelos Estados não só na Política, mas também em serviços como da Saúde.

Assim, Mateus e Timbane (2019), na sua obra “Cuidados de Saúde em Gitonga e Português: Rumo a um dicionário bilingue”, vão afirmar que “[...] ao reconhecer os direitos linguísticos dos povos, os Estados abrem o caminho para que as populações recebam uma adequada atenção nas áreas da saúde, educação, acesso aos diversos meios de informação, entre outros, através das suas línguas maternas” (Mateus; Timbane, 2019, p. 5). Assim podemos ver que o cumprimento dos direitos linguísticos é indispensável, pois evita que casos como impedimento ao acesso à saúde devido a fatores linguísticos aconteçam e se perpetuem em Moçambique. Como é que uma língua vai servir de barreira para alguém que necessita de atendimento nos serviços de Saúde, onde a vida é vista como o maior valor do Ministério da Saúde Moçambicano? É de grande relevância a vigilância em relação ao cumprimento dos

Direitos Linguísticos, pois só assim as línguas bantu terão o seu lugar de uso nos serviços dos poderes públicos ou das divisões administrativas. As pessoas têm esse direito e precisam gozar dele.

Bernardo e Timbane (2020), levantam questionamentos em relação ao que acontece nas terras angolanas, onde mostram que “[...]. pela escassez de quadros superiores em saúde, o Governo (por meio do Ministério da Saúde) recebe profissionais brasileiros, portugueses, cubanos, coreanos e chineses. Esses três últimos não têm o português como língua oficial dos seus países” (Bernardo; Timbane, 2020, p. 9). Daí que os autores questionam como é que esses profissionais da Saúde de outros países com uma realidade bem diferente, sem conhecer até a realidade Sociolinguística vivida em Angola, sem saber até falar as línguas locais de Angola, lidam com aquele/a paciente que não têm domínio da Língua Portuguesa, entendem a explicação dos pacientes, e por último como os kikonguismos são compreendidos e interpretados por esses médicos? Está bem claro que as autoridades políticas nem estão para o cumprimento dos Direitos Linguísticos, violam o Art. 16º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), nem ligam para a compreensão linguística entre os profissionais e os pacientes. Os pacientes são obrigados a se adequar a realidade linguística que não é sua, tentando falar e se expressar em uma outra língua, o que pode incorrer em incompatibilidade e desvio da veracidade no que diz respeito ao diagnóstico dado nas consultas. Os mesmos questionamentos aqui levantados servem para entender a realidade moçambicana, onde também as políticas linguísticas não têm favorecido as línguas locais bantu.

No que concerne à Saúde, Ngunga e Bavo (2011) defendem que a língua Emakhuwa serve de base para veicular várias mensagens, que sem o uso da língua Emakhuwa, haveria complicações em termos de compreensão da parte da maioria da população que não fala a língua portuguesa. Os autores apontam para exemplos como os ensinamentos sobre HIV/SIDA que já tem livros e folhetos traduzidos para a língua local (Emakhuwa). Os autores defendem que a língua Emakhuwa tem valor, mas não tem benefícios, e que as pessoas se comunicam e expressam na língua Emakhuwa, no hospital, mas somente perante o agente de saúde que as entende, e ainda deixam bem claro que só isso não basta, pois verifica-se que o português eleva a imagem e o estatuto de toda a pessoa que faz parte do universo dos seus falantes.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

A orientação metodológica que guiou e sustentou o andamento da pesquisa deste artigo, se enquadra na pesquisa quantitativa, o instrumento usado foi o questionário online (google forms), dirigido para cidadãos moradores da Cidade de Pemba, capital da Província de Cabo Delgado ao Norte da República de Moçambique. A Cidade de Pemba pertence a Província de Cabo Delgado, cuja população total é 2 316 842 representando a 8,3%, e as Províncias mais populosas de Moçambique são as províncias de Nampula com 5 750 350 habitantes correspondentes a 20,6%, e Zambézia com uma população de 5 156 587 cuja percentagem é de 18,5% respectivamente. A metodologia nos permitiu buscar novas evidências científicas, uma vez que direciona a pesquisa e se conecta ao instrumento utilizado na coleta. Miranda et al. (2016) afirmam que

A pesquisa quantitativa tem como principal característica a unicidade da forma de coleta e tratamento dos dados. Para isso, necessita coletar um conjunto de informações comparáveis e obtidas para um mesmo conjunto de unidades observáveis. Em geral, essas unidades são os indivíduos, mas podem ser também instituições, empresas, cidades, entre outras, sempre a depender do problema de pesquisa investigado. O que é crucial para a pesquisa quantitativa é que tais unidades sejam comparáveis (Miranda *et al.*, 2016, p. 16).

Miranda *et al.* (2016) defendem que através do método quantitativo pode-se formular generalizações a respeito de uma população através de uma amostra com probabilidades. Assim sendo, “essas características contribuem para que seja possível a realização de um teste de hipóteses de modo mais conclusivo” (Miranda *et al.*, 2016, p. 16). O método quantitativo nos permite obter dados numéricos fazendo com que a interpretação do fenómeno a estudar seja interpretado por meio de estatísticas. Dos dados estatísticos se pode construir gráficos, tabelas, quadros que permitem visualizar o fenómeno em estudo.

O questionário é um dos instrumentos na pesquisa quantitativa usado para a coleta de dados, e posteriormente serão feitas as suas análises, assim como mostram Manzato e Santos (2012). Entretanto, Miranda *et al.* (2016) defendem que uma vez que se escolhe os indicadores que irão operacionalizar os conceitos da pesquisa, é importante que sejam traduzidos em perguntas de um questionário, e é a partir daí que se deve fazer a definição das perguntas que devem ser feitas, pois sem elas, os resultados da investigação serão comprometidos.

A escolha deste instrumento justifica-se pelo fato de permitir recolher maior quantidade de dados e por proporcionar vantagens como maior economia de tempo, ou seja, é muito rápido na coleta de dados, seja física ou virtualmente, alcançando maior número de inquiridos mesmo

distante da localização do pesquisador (o questionário pode ser enviado à inquiridos habitantes de outros lugares como: cidades, províncias, regiões e países, via correio ou pelo formato online) assim como afirmam Bastos *et al.* (2023).

Com este instrumento pretendemos coletar dados estatísticos que nos ajudassem a: problematizar e discutir o lugar da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba e na sociedade moçambicana; analisar como é tratada a política linguística em Moçambique, debater criticamente o tratamento das línguas bantu moçambicanas em relação à língua portuguesa e; compreender o cumprimento dos direitos linguísticos no território moçambicano. Para o questionário, foram feitas 28 perguntas fechadas, para cidadãos da Cidade de Pemba, com 18 ou mais anos, independente do bairro de residência.

O questionário é composto por 28 perguntas, sendo 27 do tipo fechadas e uma do tipo aberta. O link do questionário foi enviado pelas redes sociais e e-mails. 57 informantes preencheram o formulário que foi destinado para cidadãos da Cidade de Pemba. Os critérios de inclusão foram: ser maior de idade, ser moçambicano, residir na Cidade de Pemba e ter acesso as redes sociais para receber o link. O Pesquisador optou por elaborar mais perguntas fechadas porque muitos participantes não possuem notebook e poderiam ter dificuldades na escrita. Os resultados obtidos na coleta foram analisados pergunta por pergunta e depois realizou-se o cruzamento dos dados entre as questões. Para além disso os participantes não foram identificados por razões de ética em pesquisa, mas sim foram codificados de 1-57.

5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A maioria dos cidadãos da Cidade de Pemba que respondeu ao nosso questionário foi do sexo masculino, totalizando 74,4%, e somente 24,6% do sexo feminino. Desses cidadãos, 20% moram no Bairro de Natite, ficando em primeiro lugar, em segundo lugar ficou o bairro de Ingonane com 18,2%, em terceiro lugar ficou o Bairro da Expansão com 10,9% e quarto lugar ficou o bairro de Chuíba com 5,5%. Em relação à naturalidade dos cidadãos de Pemba que participam deste questionário, a maioria é natural da Cidade de Pemba contando com 58,2%, em segundo lugar conta com 7,3% que é natural da Cidade de Nampula, e em terceiro lugar com 5,5% são pessoas naturais da Cidade de Maputo. Quanto ao tempo de residência na Cidade de Pemba, 54% respondeu que mora na Cidade de Pemba há 21 ou mais anos, seguido de 23,6% há 1-10 anos e por último 21,8% há 11-20 anos. Em relação à faixa etária, 78% tem 18-31 anos de idade e 21% tem 31-59 anos de idade, mas nenhum cidadão dos 60 ou mais respondeu a este questionário, o que revela que idosos não têm muito acesso ou não fazem

muito uso das redes sociais e que utilizam mais os seus aparelhos e dispositivos eletrônicos para fazer ligações e trocar mensagens.

No que diz respeito à língua materna dos Cidadãos de Pemba, a maioria respondeu que tem como sua língua materna a língua Emakhuwa totalizando 58,2%, 10,9% tem Kimwani como sua língua materna, 7,3% têm o português como sua língua materna, 5,5% tem Shimakonde como sua língua materna, e somente 3,4% tem simultaneamente o Português e Emakhuwa como suas línguas maternas.

Em relação aos lugares públicos em que é utilizada a língua Emakhuwa, a informação colhida das pessoas inquiridas é que 83,3% responderam sobre mercados, 30,0% sobre escolas primárias e secundárias, 12,7% sobre universidades, 10,9% sobre esquadras, 9,1% sobre biblioteca municipal, 64,4% sobre parques de transportes rodoviários, 12,3 sobre conservatória, mas 8,8% responderam sobre nenhum desses lugares ser onde é utilizada a língua Emakhuwa.

Em relação a língua que os cidadãos de Pemba utilizam para se comunicar com em casa com a família (pai, mãe, filhos, tios, irmãos, primos, etc.), 66,7% responderam sobre a língua portuguesa, 19,3% sobre a língua Emakhuwa e 14% sobre as línguas Shimakonde e Kimwani. Sobre a língua utilizada por esses cidadãos com mais frequência para falar com os vizinhos, 49,1% responderam sobre a língua Emakhuwa, 42,1% sobre a língua Portuguesa, 8,8% sobre a língua Kimwani, ninguém respondeu sobre a língua Shimakonde.

Quando perguntados que língua utilizam na sua religião, 40,4% responderam sobre a língua portuguesa, 24,6% sobre a língua Emakhuwa, 19,3% sobre a língua Árabe, 7% sobre a língua Kimwani, e 9,7% responderam sobre a língua Shimakonde e também a pergunta sobre não frequentar nenhuma religião.

Outrossim, em relação aos momentos religiosos em que é utilizada a língua Emakhuwa por esses cidadãos inquiridos, 24,6% responderam sobre oração, 24% sobre a leitura Bíblica e do Alcorão, 40,4% nos avisos e anúncios, 45,6% nos cânticos e louvores na Mesquitas e Igrejas, 26,3% sobre o momento de Pregação da mensagem Bíblica e do Alcorão, e 14% responderam que não frequentam nenhuma religião.

Em relação a língua que os cidadãos de Pemba inquiridos gostariam de assistir as notícias de televisão, 73,7% responderam sobre a língua Portuguesa, 17,5% sobre a língua Emakhuwa, 3,5% sobre a língua Kimwani, 3,5% sobre a língua Shimakonde, e somente 1,8% sobre a língua Swahili. Ninguém respondeu a respeito da Língua Moçambicana de Sinais, mesmo sendo um meio de comunicação visual.

A respeito da língua que gostariam de acompanhar as notícias na “Rádio Moçambique”, 61,4% responderam sobre a língua Portuguesa, 29,8% respondeu sobre a língua Emakhuwa,

7% sobre a língua Kimwani, e somente 1,8% respondeu sobre a língua Shimakonde. Ninguém respondeu sobre a língua Swahili.

Em relação à língua que os inquiridos utilizam/utilizariam para prestar uma queixa ou ser interrogado nas Esquadras (Na Polícia da República de Moçambique), 87,7% responderam sobre a língua Portuguesa, 8,8% respondeu sobre a língua Emakhuwa, e 3,5% sobre a língua Kimwani. Ninguém respondeu sobre a língua Shimakonde e Swahili.

Sobre a língua utilizada pelos cidadãos inquiridos, no Hospital para falar com o médico sobre a situação da sua saúde, 91% responderam que falam a língua Portuguesa, 8,8% respondeu que fala a língua Emakhuwa.

Sobre o período de campanhas eleitorais, as línguas mais utilizadas com frequência para pedir o voto na Cidade de Pemba, 54,4% responderam assinalando a língua Emakhuwa, e 45,6% respondeu assinalando a língua Portuguesa.

Em relação ao Ensino Bilíngue (Português e Emakhuwa), 77,2% gostariam que os seus filhos estudassem numa escola bilíngue, mas 22,8% responderam que não gostariam que os seus filhos estudassem numa escola bilíngue.

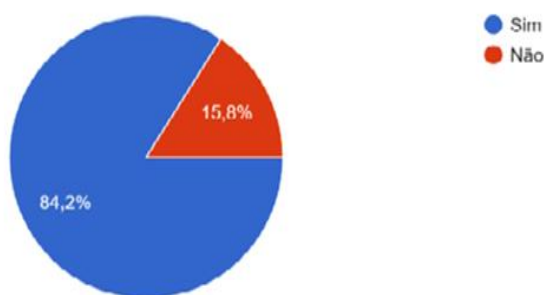
Em relação a obtenção do conhecimento científico, 33,3% acham que não é possível que isso aconteça, mas 66,7% acham que sim, é possível a obtenção do conhecimento científico, utilizando a língua Emakhuwa.

Em relação a oficialização das línguas locais (Línguas Bantu) do país, 54,4% responderam que não gostariam que a língua Emakhuwa fosse uma das línguas oficiais do país, e 45,6% responderam que gostariam que ela fosse uma das línguas oficiais do país.

A respeito de ter os documentos oficiais do município, escritos em língua Emakhuwa, 29,8% responderam que gostariam a língua tivesse sua presença, e 70,2% responderam que não gostaria que isso acontecesse.

Inquiridos se acham que a língua Emakhuwa é importante para a nossa Sociedade e deve ser preservada, um total de 96,6% responderam que sim, mas somente 3,5% responderam que a língua Emakhuwa não é importante para a nossa sociedade e que não deve ser preservada. A figura abaixo mostra o que os cidadãos inquiridos responderam sobre o desejo ou não de aprender a língua Emakhuwa com apoio de dicionários e gramáticas.

Gráfico 1 - Desejo de aprender a língua Emakhuwa com apoio de dicionários e gramáticas



Fonte: dados da pesquisa

Sobre o Estado moçambicano valorizar as línguas nacionais como património cultural e educacional, 56,1% responderam que sim, e 43,9% responderam que o Estado moçambicano não valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional.

Sobre o Estado moçambicano promover o desenvolvimento das línguas nacionais de origem africana (Línguas bantu), 64,9% responderam que sim, e 35,1% responderam que o Estado moçambicano não promove o desenvolvimento nacionais de origem africana (Línguas Bantu).

Já em relação a utilização crescente das Línguas Bantu Moçambicanas, promovida pelo Estado moçambicano, 54,4% responderam que não, e 45,6% responderam que o Estado moçambicano promove a crescente utilização da Línguas Bantu Moçambicanas.

Em relação às línguas utilizadas nas práticas dos ritos de iniciação, 77,2% responderam sobre a língua Emakhuwa, 7% sobre a língua Kimwani, 7% sobre a língua portuguesa, e 8,8% sobre a língua Shimakonde.

Sobre a possibilidade do desaparecimento rápido da língua Emakhuwa devido ao domínio da língua Portuguesa como a língua oficial do país, 75,4% responderam que não acha que seja possível, e 24,6% respondeu que sim, acha que seja possível o desaparecimento rápido da Língua Emakhuwa devido ao domínio da língua Portuguesa.

As análises feitas nos dados colhidos através do questionário mostraram que a Língua Emakhuwa é a língua materna da maioria dos moradores da Cidade de Pemba, seguido da língua Kimwani, e em terceiro lugar ficou a língua Portuguesa, e posteriormente vem a língua Shimakonde. Há uma minoria de cidadãos que tem simultaneamente a língua Portuguesa e Emakhuwa com as suas línguas maternas. Mesmo que a língua Portuguesa não seja a língua materna da maioria, a maioria dos cidadãos de Pemba a utiliza para falar no ambiente doméstico com menos frequência com suas famílias (pai, mãe, filhos, tios, irmãos, primos) enquanto com

os vizinhos é a língua Emakhuwa que as pessoas vão falar com mais frequência. É de criticar este fato, pois como é que a língua Emakhuwa sendo a língua da maioria dos cidadãos de Pemba, vai estar mais presente na comunicação com os vizinhos, mas no ambiente doméstico é com menor frequência? A motivação disso é que as pessoas preferem que os seus filhos falem mais em casa e tenham o domínio da língua portuguesa, para que gozem e tenham os privilégios que essa língua proporciona como a oficial do país, sendo ela a que será usada nos exames de admissão as Universidades, nas entrevistas de emprego, nas leis, e na maioria dos domínios administrativos do país.

Os lugares públicos que têm mais destaque em relação a utilização da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba são os mercados, em primeiro lugar, pois é neles que as pessoas mais falam e se expressam livremente, e em segundo lugar são os parques de transportes rodoviários. Já nas escolas primárias e secundárias, nas Universidades, nas esquadras, na biblioteca municipal e na conservatória, a língua Emakhuwa é pouquíssimo utilizada, o que revela que as pessoas ainda têm preferências em relação aos lugares onde se fala a língua local, e que esses outros lugares públicos em que a língua Emakhuwa é pouquíssimo utilizada há uma restrição.

Ninguém morre, perde a sua dignidade, se em instituições e lugares de caráter público fizer o uso das línguas locais moçambicanas. Isso viola os Direitos Linguísticos que constam na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), que foi também assinada pelo Estado Moçambicano, mas o seu cumprimento é restrito, sendo que essa Declaração diz que todos os povos têm o direito de usar suas línguas em todos os lugares e instituições de caráter público. Entendemos que a Declaração não diz que merecem esses direitos somente as línguas de origem europeia, mas todas as comunidades linguísticas.

A língua Emakhuwa e os cidadãos de Pemba estão inclusos nesses Direitos Universais Linguísticos, por isso que os políticos assim como a/as comunidade /as linguística/as de Pemba, ou seja, cidadãos de Pemba precisam entender que não basta só dizer que consideram e valorizam as línguas nacionais na Constituição de 2004, mas na prática restringi-las nos diversos lugares e instituições de caráter público. Isso é um crime, se considerarmos o não cumprimento dos Direitos Linguísticos que constam nessa Declaração.

Constatou-se no que diz respeito às religiões que a língua utilizada com mais frequência é a língua Portuguesa. Embora a língua Emakhuwa e Árabe também sejam utilizadas em momentos como a pregação, cânticos, oração, leitura dos livros sagrados como o Alcorão e a Bíblia, momentos de avisos ou anúncios, a língua Portuguesa é a mais utilizada.

Na comunicação social, seja na Televisão e na Rádio Moçambique, a maioria das pessoas preferem continuar acompanhando as notícias e os programas em português, e a

minoria gostaria de acompanhar na língua Emakhuwa e outras línguas locais faladas na Cidade de Pemba, embora a maioria dos cidadãos de Pemba tenham o Emakhuwa como a sua língua materna. Isso acontece devido às políticas linguísticas que não favorecem e não dão o devido valor às línguas locais moçambicanas. Os programas televisivos e radiofônicos são passados e apresentados na maioria em Português, sem contar que novelas, algo que atrai muito a atenção e audiência feminina, são apresentados em Português, quase tudo é apresentado em português, por isso que a maior prefere continuar acompanhando a maioria dos programas em Português.

No seu Art. 6º, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) exclui a ideia de que uma língua possa ser considerada própria de um território unicamente por ser a língua oficial do Estado ou ser tradicionalmente utilizada nesse território como língua de administração ou de certas atividades culturais. Em Moçambique, a língua portuguesa tem sido uma língua de privilégios, por ser considerada e consagrada pela própria Constituição da República (2004) como a língua oficial, o que sustenta a ação de desvalorização e pouca importância em relação às outras línguas locais de Moçambique em lugares e instituições de caráter público. A língua portuguesa não deve ser a única oficializada em Moçambique. Se os Políticos oficializarem algumas línguas bantu moçambicanas, claramente que as pessoas não vão enxergar problemas em criar também os seus filhos nas línguas locais, essas línguas serão bem-vistas e terão mais lugares de uso e fala. Mas para tal, é necessário que os políticos se movam e procurem criar políticas e planejamento linguísticos que valorizem na prática as línguas locais moçambicanas.

No atendimento e conversa com o médico sobre a situação da saúde, os cidadãos de Pemba utilizam mais a língua Portuguesa, mesmo os que têm Emakhuwa e outras línguas locais como suas línguas maternas, embora não tenham o domínio da língua Portuguesa. Isso é perigoso, se considerar os riscos de bloqueio e falta de compreensão perfeita da explicação do problema na saúde dos pacientes, o que pode comprometer no diagnóstico. As políticas linguísticas moçambicanas precisam ser projetadas considerando e olhando para a realidade vivida e não se basear na ideia de ter só a língua portuguesa como a única língua oficial do país.

Os políticos moçambicanos precisam seguir o exemplo da vizinha África do Sul, que também oficializou outras línguas, além do inglês. A mesma situação acontece nas Esquadras (PRM), onde a maioria dos cidadãos de Pemba utiliza a língua portuguesa, para prestar uma queixa e ser interrogado. As pessoas que não sabem se explicar diretamente em Português merecem atenção e gozar dos seus Direitos Linguísticos nas suas próprias línguas, não se sentir limitadas por não se comunicar e se expressar direto na língua Portuguesa, pois elas têm suas

línguas e merecem gozar do direito de utilizá-las onde quer que desejarem, no território nacional onde elas são faladas.

Os candidatos políticos utilizam com mais frequência a língua Emakhuwa do que a língua portuguesa, no período de campanhas eleitorais, para pedir o voto. A língua Emakhuwa não só serve para pedir o voto dos eleitores, mas também para outros domínios administrativos da Cidade de Pemba. Os mesmos políticos que oficializaram e dão um status de superioridade à língua Portuguesa, são os mesmos que utilizam a língua Emakhuwa e as outras línguas locais moçambicanas para pedir o voto. Essa atitude mostra como é tratada a política linguística moçambicana, pois ao invés de valorizar as línguas locais moçambicanas, fazem delas um meio para conseguir os seus objetivos políticos, ou seja, a política linguística moçambicana também é usada para a manipulação do povo moçambicano com promessas, que na maioria das vezes nem são cumpridas após as eleições.

Nos ritos de iniciação, a maioria dos cidadãos de Pemba utiliza a língua Emakhuwa. Este ambiente é um dos lugares que é mais falada a língua Emakhuwa, apesar de também se verificar a presença língua Portuguesa, mas pelo fato de os ritos de iniciação serem também práticas culturais de Cabo Delgado, há assuntos e ensinamentos que são melhor tratados nas línguas locais. A maioria dos cidadãos de Pemba acredita que é possível obter o conhecimento científico utilizando a língua Emakhuwa e gostaria que os seus filhos estudassem em uma escola bilíngue, mas é a mesma maioria que afirma que não gostaria que os documentos oficiais do município também fossem escritos em língua Emakhuwa e que não gostaria que a língua Emakhuwa fosse uma das línguas oficiais, o que revela que se a língua Emakhuwa tivessem também lugar nos espaços públicos e instituições de caráter público fossem tratadas da mesma forma que a língua Portuguesa é, responderam que gostariam que a língua Emakhuwa fosse uma das oficiais do país. É missão e dever dos políticos oficializar a língua Emakhuwa e outras Línguas Bantu moçambicanas, para que esse cenário vivido possa mudar e as línguas moçambicanas gozem realmente dos seus Direitos Linguísticos. De acordo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) “Todas as comunidades linguísticas têm direito a que a sua língua seja utilizada como língua oficial dentro do seu território” (Art.15º), o que significa que não é a ausência de Leis, mas sim a falta do cumprimento delas.

Cidadãos de Pemba acreditam que a língua Emakhuwa seja importante para a Sociedade moçambicana e deva ser preservada, e por isso que afirmaram que:

a língua Emakhuwa, além de ser amplamente falada na região norte de Moçambique, destaca-se como a língua bantu com o maior número de falantes no país. Este facto por si só já constitui um forte indicador do seu valor sociolinguístico e cultural, o que

reforça a necessidade de se investir na sua valorização e preservação. A elevada quantidade de falantes pode, portanto, servir como um dos principais critérios para a produção de livros, manuais escolares, materiais didáticos e obras literárias nesta língua. Ao promover o uso escrito e formal do Emakhuwa, contribui-se não apenas para a alfabetização e educação nas comunidades que a utilizam como língua materna, mas também para o fortalecimento da identidade cultural e transmissão intergeracional do saber tradicional. Além do número de falantes, outros indicadores importantes que justificam a promoção da língua Emakhuwa incluem o seu papel histórico nas práticas sociais e religiosas, a riqueza do seu vocabulário tradicional, e a sua presença constante na oralidade incluindo contos, provérbios, canções e rituais. Todos estes elementos constituem património imaterial de valor inestimável, que corre o risco de se perder caso não haja esforços consistentes para a sua documentação e ensino” (Informante 15).

Este informante (15) apresentou argumentos importantes que provocam reflexões profundas sobre o lugar da língua Emakhuwa em contexto da Cidade de Pemba. Pemba apesar de ser uma Cidade, a língua Emakhuwa tem sido importante para a comunicação cotidiana dos cidadãos em contextos informais da sociedade. Na cidade de Pemba existe a educação bilíngue no Bairro de Paquite onde se ensina kimwani e português. Este ensino bilíngue ainda é experimental. Há bairros da cidade de Pemba em que se ensina Emakhuwa e português. Estes projetos de educação bilíngue estão em regime experimental e ainda não está generalizado em todas as escolas moçambicanas. Trata-se de um ensino que ainda precisa de apoio do Estado e das autoridades locais, pois o ensino em línguas africanas ainda é menos valorizado pelas famílias porque questionam onde será utilizado uma vez que a língua de poder é o português.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivos específicos analisar como é tratada a política linguística em Moçambique, em especial a língua Emakhuwa falada na Cidade. Debates criticamente o tratamento das línguas bantu moçambicanas em relação à língua portuguesa, uma vez que há tratamento diferenciado entre a língua oficial e a língua Emakhuwa. Ao nosso ver não deveria existir uma língua superior a outra tal como se observa em Moçambique. Somos a favor da necessidade da preservação, ensino e proteção das línguas africanas em Moçambique. Da pesquisa compreendemos que há falta do cumprimento das orientações sobre os Direitos Linguísticos no território moçambicano. Os objetivos da pesquisa foram atingidos.

A língua Emakhuwa é uma das línguas mais faladas em Moçambique, possuindo vários dialetos falados em diferentes distritos e cidades. Sendo assim, o Emakhuwa possui um papel preponderante na transmissão da cultura, nas práticas religiosas e da evocação aos antepassados,

nos ritos de iniciação que são parte integrante das culturas locais. A língua Emakhuwa é bastante utilizada em campanhas eleitorais, porque é por ela que a mensagem dos candidatos consegue chegar ao eleitor, por mais que seja analfabeto. A língua Emakhuwa é a língua da maioria da população de Pemba, sendo usada no ambiente doméstico em reuniões familiares e na criação dos filhos. Todas as hipóteses foram comprovadas, mas no ambiente doméstico as pessoas a utilizam o Emakhuwa com mais frequência para se comunicar com os vizinhos, enquanto na criação dos filhos nem todos preferem criar os seus filhos comunicando-se em língua Emakhuwa.

Desta pesquisa, conclui-se que o lugar da língua Emakhuwa na Cidade de Pemba, não deve ser apenas nos mercados, parques de transportes rodoviários, nos ritos de iniciação, nas práticas religiosas, na transmissão da cultura, nas campanhas eleitorais, na comunicação com os vizinhos. Essa língua poderia ser língua do Ensino, da Justiça, desde que haja vontade política a sua oficialização. A língua Emakhuwa merece ter o direito de ter espaço em ambientes administrativos e escolares, por isso, a proposta da Educação Bilíngue em Moçambique é importante e urgente para que as línguas não se percam ao longo tempo. Para tal é importante a Política linguística moçambicana seja trabalhada de forma que essas línguas gozem dos seus Direitos Linguísticos, e que o processo de oficialização da língua Emakhuwa e das demais línguas bantu moçambicanas seja levado a sério pelos políticos e detentores do poder de decisão para que num futuro próximo possamos utilizar a língua Emakhuwa sem limitações.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, Carlindo Fausto; a língua usada como produção o espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural. **Capoeira-Humanidades e Letras**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2021.
- BASTOS, Jennifer Ester de Souza; SOUSA, Júlia Maria de Jesus; DA SILVA, Pollyana Mattias Narcisio; DE AQUINO, Rafael Lemes. O uso do Questionário como Ferramenta Metodológica: Potencialidades e Desafios. **Brazilian Journal of Implantodology and Health Sciences**. [S. l.], v. 5, n. 3, p. 623-636, 2023.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José; TIMBANE, Alexandre António. Por uma política linguística nos serviços de saúde: um estudo sociolinguístico do Hospital Regional de Malanje (Angola). **Revista Letras Raras**. Campina Grande, vol. 9, n. 2, p. 268-290, jun. 2020.
- DE PAULA, Maria Helena; QUIRAQUE, Zacarias Alberto Sozinho. A necessidade de uma política linguística para o multilinguismo em Moçambique. **Domínios de lingu@gem**, [s. l.], v. 14, n. 4, p. 1220-1237, 6 ago. 2016.

MANZATO, António José; SANTOS, Adriana Barbosa. **Elaboração de questionários de pesquisa quantitativa**. Departamento de Ciência de Computação e Estatística-IBILCE-UNESP, Rio Preto, 2012.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MATEUS, Henrique; TIMBANE, Alexandre António. Cuidados de Saúde em Gitonga e Português: Rumo a um dicionário bilingue. **Afluentes**, UFMA/Campus III, v. 4, n. 12, p.144-167, mai/pago. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **IV Recenseamento Geral da População e Habitação**: Indicadores Sócio-demográficos Moçambique. Maputo: INE, 2017.

MIRANDA, Danilo de Santos de; ALONSO, Ângela; GUEZZI, Daniela Ribas; JÚNIOR, Jaime Santos; LIMA, Márcia; BRITO, Murillo Marschner Alves de; TORINI, Daniel; COELHO, Vera Schattan Ruas Pereira. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**: Bloco quantitativo. São Paulo: CEBRAP, 2016.

MOÇAMBIQUE. **Constituição da República de Moçambique**, 51, de 22 de dezembro de 2004. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 2004.

NGUNGA, Armindo; BAVO, Názia Nhongo. **Práticas linguísticas em Moçambique**: Avaliação da vitalidade linguísticas em seis distritos. Maputo. Imprensa Universitária, 2011.

NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo Guirruço. **Padronização da ortografia das línguas moçambicanas**: Relatório do III Seminário. Maputo: Imprensa Universitária, 2012.

SEVERO, Cristine Gorski. Política(s) linguística(s). **Alfa**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 451-473, 2013.

TAMBA, Pansau; TIMBANE Alexandre António. A política e o planeamento linguístico na África: caminhos para a valorização das línguas africanas. **Revista Intertexto**, [s. l.], v. 17, n. 1, dez. 2024.

TIMBANE, Alexandre António; VICENTE, José Gil. Plurilinguismo em Moçambique: debates e caminhos para uma educação linguística inovadora. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 31, p. 91-112, 2017.

TIMBANE, Alexandre António. A geomorfologia e a hidronímia ecolinguística em Moçambique: a língua e o meio ambiente em debate. **Ecolinguística**: Revista Brasileira de Ecologia e Linguística, [s. l.], v. 9, n. 2, p.54-72, 2023.

TIMBANE, Alexandre António; QUEBI, Duarte Olossato; ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo. As políticas públicas e o desenvolvimento endógeno em África. **Web Revista**: Sociadialetto, Campo Grande, v. 5, n. 13, jul. 2012.

TIMBANE, Alexandre António A Justiça moçambicana e a questão de interpretação forense: um longo caminho a percorrer. **Language and Law/Linguagem e Direito**, Goiás, v. 3, n. 2, p. 78-97, 2016.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Barcelona-Espanha, 1996.
Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao21/pdfs/declaracao.pdf>.
Acesso em: 25 nov. 2024.